

**“EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS E A DIDÁTICA AUDIOVISUAL NAS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
UBERLÂNDIA-MG”.**

Karyna Barbosa Novais¹
PPGACV/UFG

Através dessa comunicação, apresento um relato da prática pedagógica realizada na Escola Municipal Professor Jacy de Assis, em Uberlândia – MG. A experiência teve início no ano letivo de 2015, na disciplina de artes, amparada na Lei Federal 10639/03 que alterou a Lei de Diretrizes Básicas da Educação de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", especialmente nas disciplinas de História, Artes e literatura. Para muitos estudiosos da educação, para as relações étnico-raciais brasileiras, a Lei 10639/03 representa uma revolução nas bases pedagógicas do Ensino Básico, pois questiona veementemente o tratado epistemológico eurocentrado e etnocentrado que se tornou uma tradição na educação brasileira.

Os resultados obtidos com a experiência pedagógica de 2015, estimularam meus estudos e se transformaram em objeto de investigação no mestrado em Arte e Cultura Visual, realizado na Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG). As Oficinas de Artes Visuais e Cultura Afro-Brasileira desenvolvidas como trabalho de campo do mestrado, foram pautadas pela temática da referida lei e realizadas entre outubro e novembro de 2017, após meu ingresso no Programa de Mestrado da FAV/UFG.

Esse fragmento da pesquisa pretende apresentar os resultados do trabalho de campo na Escola Municipal Professor Jacy de Assis. As atividades da oficina foram iniciadas com o cuidado de promover registros, filmagens e fotografias sobre o desenvolvimento de todas as atividades, depoimentos, conversas dirigidas em grupo e individual, fazendo um levantamento das abordagens sobre o tema étnico-racial dentro e fora da escola, além de produções visuais inspiradas nas obras de artistas que desenvolvem seu trabalho tendo como base a cultura afro-brasileira.

Para tratamento metodológico utilizo a pesquisa-ação. A nova pesquisa-ação é definida por Wilfred Carr e Stephen Kemmins como “uma forma de pesquisa realizada pelos técnicos a partir de sua própria prática”. Esse pensamento se apoia no uso de métodos qualitativos de pesquisa em que o docente pode fazer a pesquisa em seu local de trabalho. O/a pesquisador/a deve ser engajado/a, militar com a pesquisa em vez de tratá-la com distanciamento. “O rigor da pesquisa-ação repousa na coerência lógica empírica e política das interpretações propostas nos diferentes momentos da ação” (BARBIER, 2007, p.57 a 61).

¹ Acadêmica de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Goiás (PPGACV/FAV/UFG). E-mail: karynabnovais@gmail.com

A pesquisa ampara-se também, em algumas abordagens científicas do pensamento sobre Arte e Cultura Visual, como Heloisa Lins (2014) que aponta as possíveis brechas no ensino formal diante da didatização das imagens. Os referenciais da cultura afro-brasileira, presentes no desenvolvimento das oficinas de artes, se ancoram no pensamento Kabengele Munanga (2005) e Nilma Lino Gomes (2005) e artistas que trabalham com a temática étnico racial, como a artista visual paulista Rosana Paulino.

Neste texto, também procurei desenvolver uma interlocução entre o atual sistema educacional brasileiro com as novas tecnologias, através da narrativa audiovisual e a temática étnico-racial. As grandes transformações nas linguagens e suas revisões têm levando ao surgimento da civilização da imagem, proporcionando a redução das fronteiras globais e o acesso à novas tecnologias.

A utilização de celulares em nosso dia a dia tem se tornado indispensável na vida de todos os indivíduos de nosso tempo. Pensando nessas mudanças na forma de ler e ver o mundo, no constante uso dos celulares na sala de aula pelos/as jovens alunos/as foi que desenvolvi as atividades pedagógicas em uma escola pública, durante o trabalho de campo.

O celular foi o principal instrumento usado na produção das narrativas audiovisuais, sendo este, o facilitador do diálogo com a metodologia multicultural. A educação multicultural se empenha em “promover oportunidades mais igualitárias em âmbito social, político e, sobretudo educacional para indivíduos de grupos marginalizados” (STUHR, 2011).

No momento que ocorreram as oficinas, objetivei que os/as alunos/as fossem capazes de construir narrativas que atentassem para a relação entre a imagem e a subjetividade de cada um diante de suas experiências culturais, e conseqüentemente essa produção de imagens serão analisadas em minha pesquisa de mestrado. Conduzi as atividades para que o grupo fosse capaz de produzir e filmar diálogos, entrevistas, encontros e falas sobre a temática étnico-racial com pessoas escolhidas por eles. Nesse sentido, defendo uma pedagogia da imagem que permita criar brechas, gerar possibilidades de visibilidade e representatividades positivas da população negra, construindo uma memória visual e coletiva distinta na escola pública (LINS, 2014).

A produção audiovisual também objetivou levar os/as alunos/as envolvidos a uma reflexão sobre a identidade negra, gênero e o imaginário coletivo sobre os negros, negras e não-negros, considerando suas experiências e vivências. Desse modo, esse experimento se tornou um ponto de interlocução entre a educação multicultural, a escola, a temática étnico-racial e a dissertação de mestrado que ora desenvolvo. Entendo, que as ações realizadas nessa pesquisa poderão representar a introdução de uma linguagem pedagógica atualizada que interaja com uma metodologia multicultural contemplando raça, gênero, classes, etnias e identidades.

A oficina de Artes Visuais e Cultura Afro-Brasileira

Ao propor a Oficinas de Artes Visuais e Cultura Afro-Brasileira para a direção da escola municipal Professor Jacy de Assis, em Uberlândia – MG, obtive apoio e incentivo imediato. Em meados de outubro de 2017, iniciei a busca pelo grupo de alunos/as que se interessavam pela temática étnico-racial. O pré-requisito para participar das Oficinas de Arte e Cultura Afro-Brasileira era ter tomado parte das aulas de artes, realizadas no ano letivo de 2015, quando desenvolvi um planejamento anual em consonância com a Lei 10.639/03.

Nas Oficinas ocorridas na Escola Municipal Professor Jacy de Assis realizei várias atividades que propiciaram uma educação para as relações étnico-raciais, conforme orienta a lei 10639/2003, que introduz a obrigatoriedade de ensino de história da África e afro-brasileira na educação básica, especialmente nas disciplinas de Artes, História e Literatura.

No cumprimento da programação das oficinas apresentei a história dos africanos que foram escravizados e trazidos a força para o Brasil, no intuito de servir de mão de obra de baixo custo. Neste contexto, motivei o grupo de estudantes a conhecer e refletir sobre a verdadeira história da diáspora negra no Brasil, principalmente no sentido de conscientizá-los como o processo de escravização dos africanos foi um sistema tão perverso, que nos dias atuais ainda nos faz sentir seus efeitos, tendo por exemplos, o preconceito, desigualdade e discriminação racial e social.

Para poder expressar as atividades desenvolvidas foi necessário delinear a importância do trabalho de campo com a participação dos alunos/as na história do local e das pessoas envolvidas, como fazem os antropólogos e cineastas, com a finalidade de entender melhor sobre as micro histórias narradas.

“Partimos do princípio de que o trabalho do antropólogo se centra na observação, na participação, na relação e na percepção de si, do outro e, sobretudo, na transformação destas em linguagem dirigida aos públicos da antropologia” (RIBEIRO, 2007).

Assim, ao estabelecer o contato com os/as alunos/as, estes se tornaram interlocutores do processo e não meros informantes, desse modo, não estabelecemos relações de poder sobre as informações, levando ao tratamento de equidade e não de hierarquia na fala.

Em 2015, seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais redigi e apliquei um planejamento anual temático para a disciplina de Artes, que englobou ações afirmativas, temas transversais (JACCOUD, 2009), história e cultura afro-brasileira para contribuir com a formação da identidade de nossos alunos, chamado de “*Projeto Africanidades*”. Propus a construção do conhecimento sobre a diversidade racial brasileira, a partir do próprio cotidiano e território dos educandos, tanto no ambiente escolar como na comunidade, onde todos fossem capazes de aprender, respeitando as diferenças e diversidade das turmas envolvidas.

Desse modo, realizei a seleção de um grupo multirracial entre os/as alunos/as que estiveram na disciplina de artes em 2015 (turmas de 6º ano), para participar da oficina de arte sobre a educação para as relações étnico raciais em 2017 (turmas do 8º- ano). Tendo em vista que o ambiente escolar não é homogêneo, conforme orienta Kabengele Munanga, temos que objetivar o:

[...] resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas (MUNANGA, 2005, p. 16).

Assim, priorizamos a participação de alunos/as negros/as, pardos/as e brancos/as, buscando discutir a temática racial integralmente nessa instituição, visando a construção de relações étnico raciais e sociais que sejam capazes de superar a herança preconceituosa e racista que ainda persiste na educação brasileira.

Essa oficina de arte serviu para subsidiar a produção empírica de dados para a minha pesquisa de mestrado em Arte e Cultura Visual. Entretanto, estimulou os educandos a compreenderem a história e cultura de matriz africana, o percurso da população negra no pós-abolição e suas consequências, conscientizando-os/as da importância do papel da etnia negra na formação do Brasil, das suas lutas dos dias atuais, além de estimular a produção audiovisual em uma escola pública.

Após o recebimento das autorizações dos pais, passamos a nos comunicar via WhatsApp. Através desse aplicativo, eu postava informações sobre as atividades a serem desenvolvidas sobre a temática étnico-racial, informes e datas em que ocorreriam as oficinas. Eventualmente, quando não era possível localizar algum/a aluno/a do grupo, os colegas que haviam visto a informação se ocupavam de avisá-los/as pessoalmente.

No primeiro encontro desse grupo multiétnico, realizei uma dinâmica utilizando a palavra “*negro*” em um cartaz. Solicitei a cada aluno/a que escrevesse em um papel colorido o que lhe vinha à cabeça quando ler, escuta ou fala a palavra “NEGRO”. Assim, em pequenos papéis coloridos eles/as escreveram as palavras que lhes vinham à mente e as colaram no cartaz. Dentre as palavras escritas destacaram-se as seguintes: racismo, discriminação, preconceito, entre outras.

Posteriormente, quando todos(as) já haviam colado suas palavras no cartaz e as falaram para o grupo, fiz a seguinte pergunta: A palavra “negro” está associada a emoções negativas ou positivas? As respostas foram gravadas em vídeo e evidenciaram que as palavras coladas no cartaz tinham em sua maioria sentido pejorativo, reduzindo a palavra “negro” a sentimentos negativos, inferiorizando o termo. Nesse sentido, efetivei com o grupo a desconstrução do termo, propondo a (re)construção da palavra no sentido positivo, no que se refere ao orgulho de ser negro e à valorização do termo “negro” como identidade individual e coletiva.

Um dos educandos gravou um vídeo falando sobre o tema e definindo as dificuldades impostas histórica e socialmente à palavra “negro”. Essa atividade foi retomada ao final da última oficina, em que os alunos produziram um novo cartaz

contendo apenas palavras positivas, de estímulo e de afeto, ligadas à palavra “negro” que foram anexadas à produção do vídeo ao final da oficina.

No segundo momento de realização da oficina de arte e cultura afro-brasileira, os alunos/as foram colocados diante de uma série de cartões com imagens variadas, afim de estimular um debate sobre temas ligados à identidade negra. Entre os temas contemplados, destacam-se: fome, religião de matriz africana, beleza negra, diversos tipos de discriminação, meritocracia, redução da maioria penal, violência policial, violência doméstica, capoeira, feijoada, dentre outras. Cada educando escolheu um cartão contendo uma imagem geradora de debate e justificou sua escolha verbalmente diante da câmera, alguns com muita dificuldade por causa da timidez.

Algumas dessas apresentações foram gravadas em vídeo, entre elas destaca-se a produção visual em relação à beleza negra, a meritocracia e a fome. O tema da meritocracia chamou atenção entre os demais, pois destaca o predomínio numa sociedade, organização ou grupo daqueles que têm mais méritos, porém o termo esconde algumas artimanhas que acabam beneficiando os indivíduos que tiveram maiores oportunidades, inclusive financeiras.

Em depoimento, uma aluna fala sobre meritocracia, demonstrando as dificuldades encontradas por aqueles indivíduos que tem baixa condição social/financeira e os empecilhos para alcançar sucesso na vida profissional. Mesmo sem conhecer o significado da palavra “meritocracia”, ela descreveu a imagem com clareza, explicando a diferença entre aqueles que têm mais oportunidades e aqueles que têm poucas oportunidades, enfatizando que o negro está entre os que não recebem os privilégios. Em seguida, cada educando fez uma representação do tema escolhido em folhas coloridas, que foram reunidas formando um grande cartaz temático, justificando sua escolha.

No início da terceira oficina de arte introduzi uma música da banda Rapa, de rock brasileiro, para propiciar o debate. A música “*Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*” foi o tema do dia, e como poucos alunos/as a conheciam, a música foi exibida em forma de vídeo para toda a turma. A letra da música retrata a o dia a dia do/a negro/a na periferia das grandes cidades, que desde os tempos da escravidão sofreram e sofrem com a violência e o preconceito, além de se referir ao poema “Navio Negreiro” de Castro Alves.

“(…) É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro negro pra passar na revista.
Pra passar na revista
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro (...)”
RAPPA, 1994.

Após a audição da música, surgiram os primeiros temas abordados na letra da mesma: “navio negreiro”, “chibata”, “macaca”, entre outras. Muitos não sabiam o que era um “navio negreiro”, então relatei ao grupo que se tratava de um navio de carga, usado

para transportar africanos que foram escravizados, ajudando a dar lugar a um dos maiores deslocamentos populacionais forçados que a humanidade jamais conheceu. Os navios também eram chamados de “navio tumbeiro”, devido ao número elevado de mortes que ocorria durante a travessia do Atlântico. (THORNTON, 2004)

Os educandos ficaram chocados com as condições lamentáveis a que os negros escravizados eram submetidos durante os longos dias e meses que duravam a travessia. Por consequência, ainda na referência da música, outro tema relevante foi levantado: a violência policial. Dessa forma, o tema da violência foi alvo de um debate acalorado, onde praticamente todos os participantes das oficinas tinham alguma coisa para relatar.

A violência policial contra os/as negros/as nas periferias das grandes cidades, local em que essa escola também se encontra, apareceu nos diálogos do grupo como algo rotineiro que incomoda, mas que já se tornou “normal”, “corriqueiro”, “realidade para o grupo”. Ou seja, o grupo demonstrou uma certa naturalização da violência, principalmente contra a juventude negra. A partir desse diálogo, os/as alunos/as realizaram uma atividade plástica, um desenho no papel que expressava aquilo que sentiram ao entrar em contato com a música.

Alguns alunos/as relataram em momento posterior a esse encontro, que ouviram a música fora da oficina, em casa ou com colegas para conhecê-la melhor. Como houve boa aceitação da música que tem um ritmo de rap misturado ao reggae, utilizei a mesma como pano de fundo para o vídeo final, no qual foram reunidas todas as ações filmadas, inclusive as gravações das conversas dirigidas e de entrevistas realizadas pelos educandos.

A atividade com a música “*Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*” da banda Rappa, teve registros fotográficos, mas não de filmagem. Entretanto, além da atividade plástica produzida pelo grupo, o tema da violência policial gerou uma certa ansiedade, incômodo e desejo de falar. Em grupo, numa roda de conversa, propus que eles/as pensassem sobre o tema, para que pudéssemos realizar a filmagem da verbalização dessas experiências, e no momento em que eles se sentissem seguros para gravar, faríamos o registro em vídeos.

Para a oficina de arte que e seguiu, propus a produção de imagens audiovisuais nos espaços onde houvesse sociabilidade entre negros/as, através do registro de entrevistas, conversas dirigidas e interações sociais por meio de filmagens realizadas com o celular pelo/a próprio/a estudante. Uma vez que, esse grupo tem o hábito de filmar situações do cotidiano e postar na internet, achei que seria uma tarefa simples. Já havia falado com eles/as desde o primeiro encontro, sobre a possibilidade de realização dessas entrevistas e/ou conversas dirigidas, e pedi para que essas filmagens fossem realizadas e apresentadas naquele encontro. Entretanto, essa atividade não aconteceu nesse momento, pois os/as alunos/as não conseguiram concretizar espontaneamente as entrevistas com algum/a conhecido/a sobre a temática étnico-racial.

Como alternativa à proposta que não ocorreu conforme planejamento, de maneira didática, adaptei nesse encontro à atividade que seria proposta para este dia. Apresentei aos

educandos algumas técnicas de produção em fotografia e filmagem para estimulá-los a ter maior intimidade com a câmera fotográfica e de celular (a maioria nunca havia visto uma câmera fotográfica ou filmadora). Para facilitar o diálogo com o entrevistado, solicitei que os entrevistadores (alunos/as) ajudassem a elaborar uma lista de perguntas de uma suposta entrevista sobre a temática étnico-racial. A fim de estimulá-los, pedi que escolhessem uma pergunta e a respondessem diante da câmera. Alguns gostaram da ideia e responderam uma pergunta escolhida, outros se esquivaram timidamente com medo de serem filmados.

Ao reler anotações de meu diário de campo sobre a Oficina de Artes Visuais e Cultura Afro-brasileira, observei uma passagem que merece uma reflexão. O uso da câmera fotográfica para os registros das atividades nas oficinas de arte foi muito difícil para mim, que tive de administrar a proposta de desenvolvimento das atividades e a filmagem simultaneamente. Havia uma resistência a ser vencida. Desde o princípio, os educandos foram informados que todo o processo desenvolvido com o grupo seria filmado, mas mesmo assim foram resistentes à presença da câmera durante as atividades. Nos primeiros encontros, quando percebiam que suas ações estavam sendo filmadas, fugiam da filmagem. Mas aos poucos, foram se acostumando com a captura das imagens.

Muitos/as alunos/as mais tímidos/as, não queriam falar de frente para a câmera, nem em frente ao grupo. Alguns pediram para gravar suas falas após a saída dos outros colegas, registrando assim suas exposições, sem o enfrentamento com o público. No quinto dia de execução da oficina, esqueci a câmera e o celular sobre a mesa durante a orientação dos trabalhos. Quando me virei, percebi que um aluno estava filmando com o meu celular e outro estava carregando a câmera pela sala, provavelmente filmando também, numa ação de “conhecer aquilo”.

Foi quando percebi que não havia oferecido a câmera a eles/as. Nesse momento me dei conta da importância daquela ocasião para aqueles meninos. A curiosidade própria da juventude, os colocou a conhecer o objeto que nunca esteve ao seu alcance. A maioria dos/as alunos/as nunca havia pegado uma câmera. Tomei o cuidado de não ser abrupta ao retomar o objeto, assim parei o que estava fazendo para falar um pouco sobre as possibilidades de imagens que a câmera e o celular propiciam. Percebi que foi nesse momento que o grupo começou a interagir com a proposta inicial.

Aproveitei então a oportunidade para propor um diálogo gravado em grupo, do qual, a princípio tinham fugido. Uma das meninas foi fundamental nesse momento, a Bárbara. Ela chamou a atenção dos colegas no sentido que eles/as adoram se expor em imagens na internet, porque ficaram tão tímidos e amedrontados com a presença da câmera? Esse foi o melhor gatilho para o diálogo registrado nas oficinas de arte.

Assim foi possível realizar uma conversa dirigida, onde os interlocutores puderam expressar suas experiências sobre temática étnico-racial e a violência policial, além de possibilitar a observação participante como parte integrante da pesquisa-ação desenvolvida. É preciso compreender as dinâmicas das interações, saber o que dizer ao filmar e/ou fotografar, usar a sensibilidade. Filmar é registrar a interação de quem filma

com o outro, é estabelecer uma relação, pois filma-se a forma de ver o outro, e o olhar registrado pela câmera evidencia o que mais chamou atenção de quem registrou a imagem (RIBEIRO, 2005).

Os/as alunos/as exploraram o “novo” instrumento de produção do conhecimento, a câmera /celular, onde desenvolveram um diálogo produtivo. Alguns colegas se juntaram a eles para descrever suas experiências em relação a “cor da pele” e as abordagens policiais. Esse foi um dos momentos mais importantes da expressão dos sentimentos negativos dos alunos contra a violência policial.

Vitor Hugo: “Ser negro até que é bom, mas de vez em quando também é ruim porque sofre muito preconceito, muita discriminação, “ichi”, sofre altos bullying aí. Mas é difícil né, a sociedade é injusta com a gente, só porque nós é preto”.

Bárbara: “Eu já sofri “baculejo” (revista policial) uma vez porque eu estava com uma amiga minha que é negra. Eles (os policiais) chegaram com a maior autoridade achando que a gente estava com alguma coisa, só porque a gente estava com uma mochila. Aí eles falaram assim: vocês estão muito suspeitas aqui, não estão não? (...) É porque andar com uma neguinha dessas, cuidado em, se não, você cai no buraco”.

Sarah: “Eu estava voltando da casa da minha avó, era umas dez horas e cheguei no terminal central, eu estava com uma blusa bem grande, uma calça de moletom, meu cabelo alto, aí o policial chegou em mim e falou: mocinha a senhora está escondendo alguma coisa? R: Não, por quê? Com essa carinha aí, desse jeito aí, não estou gostando disso não”.

Nessa conversa dirigida, os/as alunos/as desse grupo que são menores de idade, puderam narrar as experiências negativas que tiveram com os policiais em locais públicos, diálogo que foi registrado em vídeos pelo celular. Timidamente eles/as foram se soltando e falando sobre situações constrangedoras de violência policial, às quais já haviam sido submetidos/as. Assim como o relato do Antônio, que pediu para gravar quando todos tivessem saído da sala:

Antônio: “Estava eu, meu primo, meu cunhado e minha irmã descendo de bicicleta, do nada os policiais chegaram e falaram: desce que isso é um enquadro. Só porque estava meu primo e meu cunhado de negro, porque meu cunhado é bem pretinho mesmos, dois policiais foram “gente boa” mas o outro teve preconceito. Ele gravou um vídeo de nós, pediu a carteira de identidade quatro vezes do meu cunhado, jogou os materiais da minha irmã no chão. Achei isso muita irresponsabilidade, porque eles poderiam só ter olhado, mas não, eles jogaram no chão”.

A indignação do aluno com a atuação do policial aconteceu em tom de denúncia, como se aquele vídeo pudesse trazer à realidade, alguma punição ao policial. Todos os diálogos foram registrados e anexados ao vídeo produzido sobre a Oficina de Artes Visuais e Cultura Afro-Brasileira, apresentado na Semana da Consciência Negra, na Escola Municipal Professor Jacy de Assis, no dia 19 de novembro de 2017.

No último dia de oficina, apresentei ao grupo um estudo da obra da artista paulista, especializada artes visuais, pesquisadora e educadora Rosana Paulino. Suas obras, na atualidade, ganharam repercussão internacional pois tratam de questões sociais, étnicas e de gênero, com destaque para o lugar da mulher negra na sociedade brasileira e as violências decorrentes do racismo estrutural. Os educandos assistiram a alguns vídeos da artista, que é dirigido ao receptor e falam sobre as suas obras, contando sua trajetória.

Logo, houve um diálogo sobre a obra da artista, onde o grupo foi convidado a apontar os principais temas abordados por Paulino em suas produções como: o racismo

estrutural no Brasil, a presença da herança da escravocrata nos dias atuais, o machismo, os padrões de beleza feminino e o racismo que oprime o povo brasileiro. Entretanto, o assunto mais destacado foi a condição da mulher negra no Brasil e a violência contra a mulher negra no ambiente doméstico.

Posteriormente a sessão dos vídeos da artista supracitada, realizei com os/as alunos/as um trabalho de artes plásticas, inspirado em suas obras. Expus para turma várias fotografias de pessoas negras registradas no período da escravidão. Sugeri ao grupo que realizasse uma produção visual através da escolha da imagem, do recorte, colagem e montagem de fotos, desenhos de plantas, ossos, etc. que representasse traços das obras da referida artista. Os/as alunos/as escolheram as fotografias, recortaram e montaram de forma criativa. As montagens ficaram visualmente impactantes. Foram usados papéis color set, xerox de fotografias do período da escravidão, lápis de cor, giz de cera, agulha e linha para costurar bocas, gargantas e olhos, etc.

Ao final da tarefa, os alunos/as colaram seus trabalhos em um grande mural e apresentaram diretamente para a câmera como foi realizar a atividade e qual sentimento essa produção lhes despertou. Este, foi um momento de depoimentos muito interessantes, de expressão de vivências familiares e também de denúncias. Alguns queriam falar, mas por vergonha ou timidez novamente pediram para ficar para o final. Afim de contemplar várias falas, com muita paciência, optei por filmar a apresentação de cada aluno/a e ir liberando os demais da atividade. Ao final, todos os alunos/as, até as meninas mais tímidas conseguiram se expressar, o que foi registrado em audiovisual e inserido na montagem final do vídeo sobre as oficinas de arte.

Entre os principais depoimentos sobre gênero versus escravidão, realizados a partir de um estudo da obra de Rosana Paulino, destacam-se a fala de três alunas:

Silvia: “Na obra da Rosana Paulino, ela fala que essa árvore simboliza o céu e a terra do Brasil, ela se tornou as raízes do Brasil porque cinquenta e três por cento da população brasileira é negra. (...) Muitas vezes as pessoas negras são como sombras e ninguém enxerga o que elas são realmente”.

Laura: “Os olhos costurados mostram que elas não enxergam. Muitas mulheres negras eram abusadas, muitas eram empregadas, elas viam, mas de um modo que elas não podiam falar, se não elas eram castigadas”.

Cauana: “Eu costurei a boca da menina porque antigamente ela não podia falar o que ela sofria, violência, abusos e etc. Prof.: Você acha que sofrem nos dias de hoje? R: Sim. Prof.: Mudou a situação das mulheres? R: Não muito, mas agora existe a lei Maria da Penha que serve para proteger a mulher e punir o homem”.

Desse modo, concluímos as atividades através das oficinas (sessão audiovisual e os trabalhos plásticos), estas foram desenvolvidas para que o grupo tomasse consciência que “o conhecimento se constrói principalmente no diálogo, que é enfrentamento e formação de consciência crítica” (FREIRE 2005) afim de que o educando possa construir a sua história e identidade.

O lugar da fala através da produção audiovisual com alunos/as

As experiências obtidas por intermédio das gravações dos vídeos de alunos/as nas Oficinas de Arte Visuais e Cultura Afro-Brasileira, serviram de instrumental para que o

grupo se capacitasse e produzisse seus primeiros vídeos. Dessa produção destacam-se seis vídeos produzidos por cinco alunos/as participantes das oficinas, que foram reunidos e editados conjuntamente com os outros registros da oficina de arte.

A versão final do vídeo tem 22 minutos, não foi dirigido para ser um filme ou documentário. Ele é um relato da experiência, a reunião das imagens registradas, dos depoimentos e das produções dos/as alunos/as durante as oficinas de arte. É um instrumento didático de revisão e avaliação das atividades desenvolvidas com a turma, e suas falas se tornaram objetos de análise para minha dissertação de mestrado.

Os alunos/as foram orientados a seguirem um roteiro de perguntas elaborado coletivamente nas oficinas para realizarem as filmagens. Mesmo havendo alguns imprevistos ocorridos em determinadas gravações, algumas falas das entrevistas realizadas pelos alunos foram muito pontuais:

Jhonatan de Moura Cardoso Leite entrevista sua irmã Jhenyffer Cardoso Moura:

Jhonatan: Pode nos contar como é ser negra na sua escola, cidade, país?

Jhenyffer: É normal, nunca houve nenhuma discriminação contra mim.

Jhonatan: Você acha que existe discriminação racial no Brasil? Em Uberlândia? No seu bairro? Na sua escola?

Jhenyffer: Sim, acho que está tendo muita discriminação, desrespeito uns aos outros.

Jhonatan: Como acha que eles se sentem?

Jhenyffer: Eles se sentem magoados, tristes, diferentes uns dos outros.

Nesse curto diálogo entre esses dois atores sociais, podemos perceber como a temática das relações étnico-racial brasileira é extremamente complexa, ao exemplo de como o racismo torna-se algo ideologicamente naturalizado (MUNANGA, 2005). No colóquio, a entrevistada Jhenyffer afirma que nunca sofreu discriminação racial, porém sabe como se sente alguém que passou por essa situação. Talvez ainda não tenha consciência de que também é discriminada, mas sabe como é se sentir discriminada. Tudo leva a entender que ela ainda não compreendeu seu lugar de vítima nesse processo. Não possui a clareza que racismo é crime, que todos são iguais perante as leis e que todos devem ter suas diferenças respeitadas.

Maria Cândida Duarte de Rezende entrevista seu colega Breno Gonçalves:

Maria Cândida: Você acha que existe discriminação racial no Brasil?

Breno: Existe. Eles acham que os brancos são melhores que os negros.

Maria Cândida: Se eles te xingarem, como você se sente?

Breno: Há, eu quebro eles! Eu não sinto nada, só, isso não me atinge...

Maria Cândida: Você não fica triste nem nada não?

Breno: Não, não ligo pra isso não. Pode ter certeza que isso um dia ou outro vai acontecer.

Nesse pequeno diálogo, no primeiro momento o entrevistado Breno parece querer agredir quem possa discriminá-lo racialmente, porém muda o tom de voz e a expressão facial quando diz friamente que não sente nada, que isso não o atinge. Nesse contexto, ocorre a assimilação de outro tipo de conduta da vítima: a autodefesa. Ou seja, sua frieza parece tentar disfarçar a dor de ter que conviver com a discriminação racial no seu dia a dia.

A aluna Sílvia Maria Campos Rende, entrevista sua avó Sílvia Vieira Rende Silva:

Aluna: O que podemos fazer para mudar isso?

Avó: Mudando as nossas atitudes, através de cada um, sei que não vamos conseguir mudar cem por cento, mas se cada um se unir e ter atitude, o mundo pode ficar melhor.

Nessa outra passagem, de uma entrevista entre aluna e sua avó, percebemos que a avó oferece sua experiência de vida para responder de forma mais consciente. Ela esboça um sentimento voltado para os valores humanos e pela mudança de atitude individual de cada um. Entretanto, entendemos que o problema nessa fala é que a mudança não pode ser apenas individual. Como educadora minha reflexão é que para educarmos para o fim do racismo estrutural, exige-se que aconteça também, uma mudança na estrutura da educação nacional e no comportamento dos brasileiros que foram seduzidos e cooptados pelas teorias de inferioridade racial, condicionados a terem um comportamento racista que está arraigado no senso comum do brasileiro.

Contudo, nessa breve análise das falas captadas por alguns alunos/as do grupo das oficinas podemos perceber a importância da produção do conhecimento e consciência dos indivíduos na sua cosmovisão de mundo. É passível compreender que alunos/as se arriscaram a conseguir informações partindo do nível de conhecimento que possuíam. Muitos conceitos precisam ser lapidados, outros já foram facilmente absorvidos por eles na Oficina de Artes Visuais e Cultura Afro-Brasileira. Nessas oficinas tentei prepará-los para os desafios de superar a herança preconceituosa e racista que ainda persistem na educação e sociedades brasileira.

Considerações finais:

Sabemos que a escola da Educação Básica pública de nosso tempo, se ampara numa ideologia etnocentrada e eurocentrada, onde a cultura letrada privilegia a palavra escrita, em detrimento da educação visual de caráter mais popular através da imagem. Afim de tentar construir uma escola plural e atualizada, busquei introduzir o uso dos celulares para produção das narrativas audiovisuais que destacaram temas importantes para alunos/as sobre os quais a escola silencia sem dialogar de fato.

Neste contexto, detectei que as conversas permanentes com os/as participantes das oficinas de arte foram estimulando alunos/as a falarem, a verbalizar seus medos e a procurar formas para superá-los. Juntos, fomos construindo e reformulando o pensamento, criando conhecimento e ressignificações a partir das experiências compartilhadas nas oficinas de arte, num processo de colaboração onde o grupo de alunos/as teve o papel de interlocutor principal.

A gravação em vídeos das conversas dialogadas e das interações com as atividades propostas, permitiu rever o material produzido, fazer questionamentos e criar estratégias para a produção de novos conhecimentos a partir dos temas debatidos e de uma metodologia multicultural que contempla raça, gênero, classes, etnias e identidades.

Portanto, a produção audiovisual executada nas oficinas, busca refletir sobre a identidade negra e o imaginário coletivo sobre os negros e não negros, considerando suas experiências, expectativas e vivências numa nova linguagem, a audiovisual. Os/as integrantes das oficinas foram capazes de formular e construir narrativas visuais e audiovisuais que atentaram para a relação entre a imagem e a subjetividade coletiva diante de sua experiência cultural. Através de uma pedagogia da imagem, permitiu-se criar brechas para construção de uma memória visual coletiva dos negros na escola Municipal Professor Jacy de Assis, em Uberlândia - MG. Entrementes, o resultado dessa pesquisa de campo através da oficina de arte, ainda em processo de desenvolvimento, está se tornando o ponto de interlocução entre a escola, a temática étnico-racial e minha dissertação de mestrado.

Referências Bibliográficas:

BARBIER, Renée. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. (2005): Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra.

JACCOUD, L. A construção de uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos / organizadora: Luciana Jaccoud. - Brasília: Ipea, 2009.

LINS, H. A. de M. Cultura visual e pedagogia da imagem: recuos e avanços nas práticas escolares. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 245- 260, Março, 2014.

MUNANGA, Kabenguele. Apresentação. In: Superando o Racismo na escola. MEC, Brasília 2005.

O RAPA. Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negroiro. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/o-rappa/77644/>. Acesso em: 01/10/2017.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2005, V. 48 Nº 2. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/27220/28992>. Acesso em 06/01/2018.

THORNTON, John K. A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800). Tradução Marisa Rocha Morta; Coordenação editorial Mary dei Priore; Revisão técnica, Márcio Scalercio. Rio de Janeiro, Editora Campus / Elsevier, 2004, 436 páginas. XVIII

STUHR, Patrícia L. A Cultura Visual na Arte –Educação Multicultural Crítica, Tradução: Gisele Dionísio da Silva. In: Circunstâncias e Ingerências da Cultura Visual. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, p. 131-152.

Mini curriculun até 450 caracteres

Karyna Barbosa Novais, mestranda em Cultura Visual na linha (c), Culturas da Imagem e Processos de Mediação na Universidade Federal de Goiás. É graduada em História, pela Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2003, e Artes Visuais também pela Universidade Federal de Uberlândia, 2011. Tem pós-graduação lato sensu Especialização em Educação, História e Cultura afro-brasileira, pela Faculdade Católica de Uberlândia, MG, 2007.